

## IV

### *As Condições da Revolta Estudantil*

**D**A MESMA FORMA QUE É PRECISO DISTINGUIR AS CAUSAS falsas ou superficiais das causas reais da revolta estudantil, é preciso discernir, entre as causas reais, as causas permanentes, que preferimos chamar de condições da revolta estudantil, das causas atuantes, das causas novas, que efetivamente deram à revolta estudantil seu sentido e sua amplitude atual.

Por condições da revolta estudantil, entendemos uma série de características da classe estudantil ou do mundo em que vivemos que, de uma forma ou de outra, sempre existiram, ou, pelo menos, existiram nos últimos séculos. Nesses termos não podem ser consideradas causas atuantes da revolta estudantil dos anos sessenta do século XX. Entretanto, se essas características não existissem, certamente não poderíamos pensar em uma rebelião estudantil como a que estamos assistindo. Por isso as chamamos de condições de revolta estudantil.

A primeira e mais importante condição da revolta estudantil é o descomprometimento do estudante com as estruturas econômicas e políticas vigentes e o resultante idealismo com o qual ele pode ver os problemas sociais do mundo. Todo homem possui anseios de liberdade e justiça. Entretanto, é na juventude que esses ideais são

mais poderosos. Depois, quando cada um sai da universidade e vê-se na contingência de enfrentar a vida prática, trabalhar, sustentar sua família, progredir em sua carreira, esses ideais começam a perder sua força. O jovem é obrigado a toda sorte de compromissos, de concessões. Esses compromissos e concessões vão sendo racionalizados, justificados. A isto se soma um crescente ceticismo, uma crescente descrença na possibilidade de alcançar os ideais da juventude, e de repente verificamos que o revolucionário descomprometimento da juventude transformou-se no conservador comprometido da maturidade.

Este descomprometimento e conseqüente idealismo da juventude é um fenômeno tão profundo e universal, que muita gente tem visto nele a causa principal da revolta estudantil dos nossos dias. Na verdade, sem ele não poderia haver essa revolta, mas como ele sempre existiu, não constitui uma explicação suficiente para este fenômeno histórico que iria manifestar-se apenas na segunda metade do século XX.

A mesma análise pode ser feita em relação ao outro ângulo da questão, ou seja, à existência de injustiça, falta de liberdade e de igualdade no mundo. E' claro que a revolta estudantil não poderia ocorrer se o mundo de hoje não fosse caracterizado, exatamente, pela injustiça, pela desigualdade econômica, pelos preconceitos de raça e religião, pela miséria de uns e pela abundância de outros, pelo materialismo vulgar que transforma a posse dos bens materiais em objetivos finais, pela prevalência de motivações individuais e nacionais com base no prestígio e no poder, sobre outras motivações eventualmente mais legítimas, como a auto-realização, as necessidades de amor e cooperação, pelas guerras desumanas e irracionais, etc... Poderíamos continuar, indefinidamente, a enumeração destas misérias. Se elas não existissem, não se poderia falar em revolta estudantil,

porque não haveria contra que revoltar-se. Mas, da mesma forma que no caso do idealismo e descomprometimento dos jovens, estas misérias e injustiças sempre existiram. Em alguns casos, talvez sob formas diferentes. Mas o certo é que não constituem novidade sob a face da terra. Sua simples existência, portanto, é também uma condição de revolta estudantil, mas não uma causa atuante da mesma. Pessoalmente, inclusive, participamos da corrente que acredita no progresso da humanidade. Embora os progressos sejam lentos, acreditamos que o homem vai, aos poucos, criando um mundo mais humano, em que os ideais de liberdade, bem-estar e igualdade de oportunidade vão se firmando. Mesmo, porém, que isto não seja verdade, o inverso certamente também não é aceitável. De forma que não é necessário entrarmos nesta discussão sobre a possibilidade do progresso para que concluamos que a existência de injustiça no mundo não é uma causa atuante, mas apenas uma condição indispensável da revolta estudantil.